

O trabalho estuda a forma espacial do camelódromo e, em natural decorrência, o contraste que essa forma espacial produz ao encontrar-se com a arquitetura da cidade. A pesquisa busca descrever a mecânica espacial, o *modus operandi* do camelódromo e, nessa busca, se confronta com a metamorfose diária sofrida pela Praça XV ao receber o camelódromo. A praça se transforma ao longo do dia tomada por um organismo vivo, que vai crescendo, ocupando espaços e reagindo na hora às condições, seja de vento, de sol ou de chuva. O organismo é esperto; reage rápido à mudança. A pesquisa se propõe a descrever esse fenômeno. O método de trabalho envolve observações e diferentes tipos de registro. Duas descrições são elaboradas. A primeira (parte 1) mostra o camelódromo visto de cima, em planta, como algo observado ao microscópio. A segunda (parte 2), objeto desse resumo, mostra o camelódromo visto através; do ângulo do observador em movimento. Aí entram as pessoas, os percursos, os caminhos através, o passeio arquitetônico. Descrições em planta auxiliam o entendimento das seqüências fotográficas. E novamente, agora desde o seu interior, o camelódromo aparecerá se modificando ao longo do dia, sob as diferentes condições climáticas. Nessa parte é mostrada também a tecnologia de aros de automóvel sustentando hastes, que sustentam lonas, que tensionam cabos. A pesquisa, ao estudar a espacialidade do camelódromo da Praça 15, busca mostrar nessa situação as lições de uma arquitetura produzida coletivamente, uma arquitetura provida da racionalidade prática que legitima as soluções arquitetônicas originadas no senso comum. O tema é particularmente apropriado no atual momento da teoria da arquitetura onde o tema da descontinuidade e da fragmentação predominam.